



Saber, memória e ancestralidade: construindo e comunicando saberes na Idade do Ferro bretã¹

Knowledge, Memory and Ancestrality: Creating and Communicating Knowledge in the British Iron Age

Pedro Vieira da Silva Peixoto

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil
peixotopvs@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-4311-9442>

Resumo: Este artigo convida-nos a pensar a criação e transmissão de saberes em termos de suas manifestações materiais através do estudo de contextos arqueológicos. Tomando os enterramentos da Idade do Ferro em East Yorkshire, no norte inglês, como um estudo de caso, a análise demonstra como certos saberes, identidades e memórias foram materializados e transmitidos ao longo dos séculos, conectando gerações distintas. As tumbas são discutidas não como entidades individuais, mas como partes de uma soma maior. Isso inclui, por exemplo, diferentes monumentos incorporados pelos cemitérios e que costumam pré-datar a Idade do Ferro, bem como aspectos de performance, e possíveis relações entre alguns dos indivíduos enterrados em termos de suas osteobiografias.

Palavras-chave: paisagem funerária; saberes materiais; Idade do Ferro; East Yorkshire.

Abstract: This paper invites us to consider the creation and transmission of knowledge in terms of its material manifestation through the study of archaeological contexts. Taking the Iron Age burials of East Yorkshire, in Britain, as a study case, the analysis demonstrates how certain bits of knowledge, identity and memory were created and passed through the centuries connecting different generations. The burials are discussed not as individual entities but as parts of a larger sum. This includes, for instance, different monuments incorporated by the cemeteries, and which often predate the Iron Age, as

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, como parte de atividade de Pós-Doutorado realizado no PPGHC-UFRJ.

well as certain funerary performances and the possible relationships between some of the buried individuals in terms of their osteobiographies.

Keywords: Funerary Landscape; Material Knowledge; Iron Age; East Yorkshire.

1. Introdução

Apesar da ironia que reside na constatação, considerando-se como a atual mensagem chega àquele(a) que nesse momento a lê, a escrita é apenas uma dentre tantas outras formas de transmissão de conhecimento. Para muitas sociedades da Antiguidade, parte considerável dos saberes era forjada e passada de geração em geração por outras vias, por exemplo, através da oralidade, do aprendizado direto, da cultura material, do uso de imagens e representações pictóricas, de sistemas de crenças e valores herdados ou por um amálgama de experiências pessoais e coletivas. Todos esses recursos podiam ser empregados concomitantemente, como, de fato, muitas vezes o eram, de modo a criar e a transmitir determinado(s) conhecimento(s) entre grupos ou indivíduos.

Mesmo assim, sociedades que não desenvolveram ou não adotaram amplamente o registro escrito como ferramenta de transmissão ocupam um lugar ainda periférico nos estudos da Antiguidade. Entre tantas outras, esse é o caso das comunidades bretãs antigas. Semelhantemente às considerações do etnólogo Frédéric Rognon (1991, p. 18–27) sobre aqueles rotulados como “primitivos”, é preciso reconhecer que tais comunidades humanas passaram a ser definidas, quase sempre, em oposição a um modelo civilizatório idealizado que ressalta supostas insuficiências e faltas: são sociedades sem escrita, sem Estado, enfim, sem história. Para os pesquisadores da Modernidade, a civilização ocidental-europeia tem servido como referencial mor nesse sentido; para a Antiguidade, Grécia e Roma vêm há muito ocupando esse papel, ainda que as visões projetadas sejam o resultado de agendas políticas e anacronismos diversos que perduram desde os vitorianos aos dias atuais em diferentes níveis (DETIENNE, 2005; FÖGEN; WARREN, 2016; HINGLEY, 2001; VLASSOPOULOS, 2007). Além de desembocar em um etnocentrismo arbitrário, a ênfase atribuída a determinados saberes (e suas transmissões), ofusca a complexidade de modos alternativos de

existência social e de valores caros a outras sociedades, considerados como de menor importância segundo nossos referenciais. Esse é um cuidado sobre o qual a Antropologia tem nos alertado há décadas. Por exemplo, embora desprovidos de escrita, os aborígenes australianos criaram representações do mundo, cosmologias e ontologias próprias tão complexas que gerações de pesquisadores ainda falham em compreendê-las; além disso, possuíam sistemas de parentesco tão elaborados que hoje, só podem ser propriamente decodificados através de computadores (ROGNON, 1991, p. 21). Esse é apenas um entre inúmeros casos que nos alertam para a necessidade de estarmos abertos a outras formas de se ordenar e priorizar o mundo, a outros meios de se criarem e transmitirem saberes para além daqueles mais familiares a nós.

Aqui, proponho pensarmos a transmissão de saberes a partir da materialidade das coisas e da construção social da paisagem funerária. Embora esse seja apenas um entre vários caminhos possíveis, seu percurso é particularmente frutífero para o estudo de sociedades tradicionalmente negligenciadas pela historiografia da Antiguidade, como aquelas sem registros escritos. Pensar a ritualização da morte, seus desdobramentos e vestígios materiais como partes de discursos carregados de intencionalidade, identidade e memória permite-nos não apenas acessar outras formas de se construir saberes, mas também de se relacionar e existir. Aplico tal proposta às comunidades bretãs da Idade do Ferro (c. 800 a.C. – 43 d.C.), particularmente àquelas ao norte, que ocupavam um território, hoje, correspondente a East Yorkshire, na Inglaterra. Tal escolha se dá por dois motivos: primeiro, o norte bretão como um todo ainda é eclipsado por outras regiões do sul, como Dorset e Wessex, pela própria historiografia do período devido a fatores político-econômicos contemporâneos (COLLIS, 1996); segundo, porque a região de Yorkshire possui uma ancestral tradição funerária e concentra a maior quantidade de enterramentos da Idade do Ferro já encontrada nas Ilhas Britânicas até hoje (GILES, 2012; HALKON, 2013, 2020; PEIXOTO, 2018; STEAD, 1991). Mas como teriam essas tumbas atuado na transmissão e na criação de valores e saberes para as comunidades locais?

2. Saberes materializados: a paisagem funerária de Yorkshire durante a Idade do Ferro

Com mais de mil enterramentos registrados e um número crescente de descobertas a cada ano, Yorkshire é, nas Ilhas Britânicas, a região com a maior concentração de sepultamentos da Idade do Ferro, possuindo, conseqüentemente, enorme potencial analítico. Sua tradição funerária ficou conhecida como a “cultura de Arras”, nome cunhado por conta do local onde um dos primeiros cemitérios do período foi escavado, ainda no século XIX (STEAD, 1979; HALKON, 2020). Na medida em que eram escavados, esses cemitérios passaram a nos revelar cada vez mais sobre a população enterrada: a expectativa média de vida está entre 20-35 anos; o número de homens e mulheres era equiparável (embora a população feminina seja um pouco maior, ao menos nos cemitérios); as crianças estão significativamente sub-representadas; análises preliminares indicam que a maioria dos mortos era composta por habitantes locais, ou de regiões vizinhas do norte bretão, embora alguns casos de mobilidade mais longas existissem; a alimentação (em termos nutricionais e a níveis isotópicos) é comparável entre diferentes indivíduos, mesmo aqueles tratados diferentemente após a morte, quer tenham eles sido sepultados em largas tumbas com itens faustosos, ou em covas rasas sem quaisquer provisões; as incidências de traumas e lesões estão associados, majoritariamente, a acidentes ou esforços repetitivos e atividades agropastoris, uma realidade observável tanto em homens como mulheres, embora também haja alguns poucos exemplos de sinais de violência causados por objetos cortantes, mais comumente entre a população masculina (GILES, 2012; HALKON, 2013; JAY *et al.*, 2013; JAY; MONTGOMERY, 2020; JAY; RICHARDS, 2006, 2007; KING, 2010; PEIXOTO, 2018).

A maior parte das tumbas na região foi erguida entre os séculos V-II a.C., embora casos anteriores, como aqueles encontrados em Melton (séc. VIII-V a.C.) e tardios, como no Great Wolds Valley (séc. I a.C./d.C.), sejam também observáveis (FENTON-THOMAS, 2011; GARROW *et al.*, 2009; JAY *et al.*, 2012; STEAD, 1991). Mas em que consistia um típico enterramento da época? Em larga escala, por (1) uma cova, ao

centro, contendo, em sua maioria, uma inumação (com ou sem mobiliário fúnebre, que poderia estar presente na forma de artefatos ou deposições de ossadas animais associadas a práticas de comensalidade, por exemplo); (2) um montículo erguido sobre a cova e (3) uma trincheira que assinalava a sepultura (geralmente em formato quadrangular). Pequenas variações, no entanto, existem. Podem ser condicionadas por fatores cronológicos: em determinadas tumbas mais antigas, alguns corpos foram colocados na superfície sem covas, por exemplo; já em tumbas tardias, nota-se que as trincheiras se tornam menos quadradas e mais circulares. Adicionalmente, podem ser o resultado de especificidades locais (como o tamanho do cemitério e o espaçamento disponível entre tumbas) e a modalidade de sepultamento adotada (algumas inumações são depositadas através de inserções posteriores a tumbas antigas, não contando com montículo próprio ou trincheira, por exemplo).

Pensar antigos cemitérios como locais de construção e transmissão de saberes não deixa de ser um desafio. Retornemos, uma vez mais, à Antropologia. Uma leitura do conceito de exocérebro cunhado por Roger Bartra (2014) pode fornecer um frutífero ponto de partida para reflexão. Em seu estudo da mente humana, Bartra (2014) demonstra como o cérebro humano é construído, em parte, para além dos aspectos neuroquímicos, por uma série de “próteses culturais”, isto é, um conjunto de elementos socioculturais que completam e condicionam o próprio funcionamento neurofisiológico do cérebro (BARTRA, 2014, p. 23-26, 146, 189). O exocérebro constitui-se como um sistema simbólico comunicativo de substituição que opera memórias a partir de acumulações e classificações mentais (de histórias, pessoas, lugares, relações, biografias) que, por sua vez, “podem ser recordadas em momentos e contextos não diretamente relacionados com o que se quer rememorar” (BARTRA, 2014, p. 96) ou, ainda, utilizadas para fins diversos, relacionados a aspectos, por exemplo, linguísticos ou até mesmo para suportar situações patológicas dramáticas (BARTRA, 2014, p. 129-131).

A noção de exocérebro permite ao autor explorar, dentre outros aspectos, como objetos, pessoas e ações são orquestradas a partir da capacidade mental de se produzir imagens visuais de tipo simbólico,

resultando na criação de pinturas, estátuas, esculturas e figuras de diversos tipos. No entanto, creio ser possível pensarmos também sua aplicação para o estudo de enterramentos, já que tumbas, igualmente, são, em certo nível, a materialização de uma imagem simbólica e idealizada. O uso de recursos sensoriais (visuais, auditivos, olfativos) com o intuito de “tecer vínculos, embrionariamente rituais, entre situações simbolizadas e estados emocionais” (BARTRA, 2014, p. 96) são todos aspectos presentes na ritualização da morte durante a Idade do Ferro bretã, como indica a prática de monumentalização, os banquetes fúnebres, as construções de proximidades espaciais e a deposição ritualizada de artefatos e de corpos no interior de covas. A relação primordial construída a níveis cognitivos entre o cérebro humano e determinados lugares é ainda outro ponto a ser destacado. Bartra (2014, p. 96-97) argumenta que a associação entre “pensamento”, “lugar” e “memória” constitui um dos primeiros dispositivos cerebrais criados – há pelo menos 250 mil anos – pela mente humana, a fim de armazenar e organizar a memória: um ponto semelhante àquele já discutido em uma perspectiva arqueológica pelos estudos da fenomenologia da paisagem (TILLEY, 1994).

Partindo daí, proponho que encaremos a paisagem funerária da Idade do Ferro bretã como um conjunto de circuitos externos de memórias, parte de uma malha imbricada de interrelações cognitivas que sustentam a memória coletiva. Há, nesse sentido, uma articulação dinâmica entre memórias sociais e emocionais que faz com que os mundos (dos vivos e dos mortos) possam ser (re)organizados com base em intenções, lembranças, desejos e expectativas particulares (CONNERTON, 1989, p. 6). São processos criativos de construções topográficas do real e do mítico.

O caráter performático de alguns sepultamentos pode ser tido, assim, como um importante instrumento criativo e comunicativo de saberes. Os enterramentos perfurados por lanças são um excelente exemplo, nesse sentido (PEIXOTO, 2019). O rito em questão dá-se da seguinte forma: a pessoa, em seu enterro, se torna o alvo de lanças que são intencionalmente arremessadas contra seu corpo durante o preenchimento da cova. Muitas das lanças utilizadas eram armas

insubstanciais, com pontas de baixa resistência, confeccionadas para uso ritual. Com isso, a dramaticidade do ato era reforçada. Na medida em que perfuravam as sepulturas e chocavam-se com o que encontravam no interior, o baque dessas armas, sobretudo contra escudos depositados sobre os mortos, fazia com que muitas delas se dobrassem, distorcessem ou quebrassem, criando um efeito visual e sonoro marcante (STEAD, 1991). Tal performance estava fortemente associada a indivíduos do sexo masculino em idade adulta entre 17-35.² Homens mais velhos, crianças e mulheres parecem jamais ter recebido tal tratamento. Além disso, a maior parte das sepulturas espetadas por lanças contém ainda outros itens marciais (como espadas e escudos). Vemos que tais ritualizações estavam carregadas, entre tantas coisas, por valores de gêneros. Elas ressaltavam determinadas identidades masculinas, em particular, àquela associada ao manejo (real ou simbólico) de armas. É importante observar que tanto o uso quanto a habilidade de se realizarem feitos violentos (ainda que em pequena escala) eram fatores importantes para a constituição de noções de masculinidade na Idade do Ferro europeia (GILES, 2012; JAMES, 2018; SKOGSTRAND, 2017). Podendo ser comparada à salva de tiros moderna presente em funerais militares, esse ritual possibilitava que as comunidades criassem seus próprios mitos da morte, conforme o conceito

² Ao longo do texto, as referências a atributos sexuais e etários dos indivíduos sepultados pautam-se exclusivamente em avaliações osteológicas dos remanescentes humanos disponíveis, realizadas independentemente do mobiliário funerário. Em outras palavras, nenhuma inferência quanto ao sexo ou a idade das pessoas sepultadas foi feita com base na natureza dos itens depositados em suas covas. Em alguns casos, os remanescentes foram classificados inclusive como tendo sexo “não disponível” ou “contraditório” quando nenhuma inferência do tipo pôde ser observada devido ao estado do material e/ou à presença de traços conflitantes que impossibilitassem a aferição. Para os cemitérios de Rudston, Burton Fleming e Kirkburn foi utilizado o relatório osteológico produzido por Sheelag Stead (1991); para Wetwang, o relatório inicial feito por John Dent (1984) e o reexame detalhado dos achados mais recentemente elaborado por Sarah King (2010); para Melton, o relatório de Anwen Caffell e Malin Holst (2011). Embora parte dos remanescentes da Idade do Ferro em Yorkshire tenham sido submetidos a análises científicas diversas nas últimas décadas, sobretudo estudos de natureza isotópica, nenhuma análise de genética molecular (aDNA) foi ainda conduzida no material aqui discutido.

proposto por Fredrik Kristoffersen e Terje Oestigaard (2008), isto é, mecanismos criativos que permitiam criar uma ordem cosmológica a partir do arranjo de rituais nos quais os mortos recebiam uma morte ideal, ainda que ela não tenha ocorrido em vida. Além da distinta dramaticidade do tratamento mortuário em questão, que, sem dúvida, fazia desse um evento memorável, o efeito visual gerado pelas tumbas perfuradas servia, igualmente, como uma importante ferramenta comunicativa de saber. A posição de muitas pontas de lanças, ainda encontradas na vertical quando escavadas, atestam que essas armas se projetavam para fora da tumba, criando um efeito semelhante ao de um porco-espinho. Dias, meses e anos depois, esse efeito visual continuava a oferecer um testemunho sobre os mortos ali sepultados e aqueles que participaram de tais funerais, assinalando, de maneira quase educativa, importantes valores a serem lembrados. Esses conhecimentos eram transmitidos, adaptados e recriados com os anos: experiências temporais e materiais combinadas com um rico universo da oralidade, hoje, perdido.

As tumbas espetadas por lanças são, no entanto, apenas um entre muitos exemplos que constroem e assinalam de modo memorável saberes particulares em relação aos mortos nesse sentido. Poderíamos incluir, aqui, outros casos, como sepultamentos nos quais indícios de comensalidade são identificáveis. Não me refiro, aqui, apenas à presença de vasos de cerâmica com sinais de fuligem utilizados para cozinhar alimentos (RIGBY, 1991), mas à deposição de animais como ovelhas e porcos juntos aos mortos. Hoje, sabemos que o que fora depositado desses animais era a carcaça. Seus ossos, a maioria partes do crânio e membros dianteiros, apresentam sinais de cozimento e cortes, atestando que a carne dos animais havia sido anteriormente consumida em banquetes fúnebres (BATES; JONES; ORTON, 2007; LEGGE, 1991). Aqui, novamente, a ação era feita de modo teatral, por vezes com os crânios sendo quebrados em duas partes e demais partes espalhadas sobre os mortos ou a seu redor. Indícios de banquetes do tipo só são observáveis em tumbas de adultos. Indivíduos sêniores, em particular, eram os mais prestigiados com tais homenagens, realidade compartilhada entre homens e mulheres, com uma incidência um pouco maior, inclusive, entre a população feminina.

Em uma época onde boa parte da população local morria entre 20-30 anos, celebrar de tal modo aqueles de maior idade, portadores de antigos saberes, revela-nos uma atitude social distinta em relação ao envelhecer e o estatuto social de tais pessoas.

Determinados saberes técnicos eram também exaltados na esfera funerária. Este é um indício de que certos conhecimentos e ofícios possuíam fortes valores identitários, mesmo entre os mais jovens. Os enterramentos da Idade do Ferro tardia, encontrados no Great Wolds Valley, são uma prova disso. Martelos, sovelas, limas, tenazes, acopladores entre outros foram encontrados nas tumbas de Rudston e Burton Fleming, mostrando como objetos associados ao ofício metalúrgico passaram a ser incorporados como parte do mobiliário funerário, inclusive junto a armas (STEAD, 1991). Muitos desses mortos eram homens de 17-25 anos. Semelhantemente, discos de fusos de tear passam a figurar em tumbas femininas no mesmo período. Aqui, observamos como antigos saberes como a metalurgia e a tecelagem foram, gradualmente, transformados e incorporados à esfera funerária, projetando e sinalizando divisões sociais intensificadas entre homens e mulheres com bases em ofícios e saberes específicos.

Testemunhamos um processo de narrativas sendo criadas entre determinados objetos e pessoas que criava, também, saberes e vínculos (reais ou míticos) entre indivíduos. O cemitério de Wetwang Slack, oferece-nos alguns excelentes exemplos nesse sentido, já que é um dos mais bem documentados graças às datações científicas e às análises estratigráficas e osteológicas empreendidas nos últimos anos (DENT, 2010; JAY *et al.*, 2012; KING, 2010). Durante os 150-200 anos de sua utilização, é possível identificar que um conjunto de tumbas do cemitério formaram verdadeiros epicentros para sepultamentos posteriores. Elas continham pessoas em idade adulta, do sexo feminino e enterradas com colares de contas de vidro. Interessante observar que essas mulheres foram celebradas por suas comunidades como figuras fundadoras: ao redor delas, outras tumbas foram construídas em imediata adjacência sobrepondo-se, muitas (embora nem todas) para outras mulheres adultas (GILES; GREEN; PEIXOTO, 2020, p. 60).

Wetwang Slack é um cemitério massivo, com mais de 450 inumações. Esse e outros cemitérios populosos, como Rudston, revelam que mesmo em estágios tardios de uso (no séc. II a.C.), havia uma nítida escolha em enterrar indivíduos, por vezes, em sepulturas menores, entre tumbas maiores (antigas), otimizando ao máximo o espaço delimitado para tal fim. A necessidade de se criarem interrelacionamentos e de se conectarem (mesmo após a morte) é, assim, para muitos, preferível à alternativa de se construir uma tumba maior, porém em área afastada. É possível que tal modo de agir fosse orientado por um princípio econômico, expresso a partir da maximização e potencialização do uso da terra como resposta ao crescimento e às demandas populacionais do período, como sugere Dent (1982), mas a hipótese elaborada por Giles (2012, p. 76-80) parece oferecer uma explicação mais completa do fenômeno. Ela argumenta que tais configurações também revelam um desejo de conexão e uma arquitetura de genealogias na qual “onde” e “próximo a quem” uma pessoa é enterrada tornam-se, cada vez mais, questões fundamentais para as populações locais. Isso só é possível, claro, graças a certo conhecimento (histórico, por que não?) transmitido sobre determinados lugares e ancestrais.

Vínculos ancestrais construídos no pós-morte podem ser observados em múltiplos níveis. Cemitérios como os de Rudston e Burton Fleming, por exemplo, foram deliberadamente construídos em meio a um extenso complexo cerimonial e funerário do Neolítico que abrigava quatro *cursi* (Wolgate, Rudston House, High Street, Gypsey Race), um monólito (o monólito de Rudston) e um *henge* (Maiden's Grave) (STOERTZ, 1997, p. 25-30). É importante lembrar que essas estruturas estavam tão distantes, cronologicamente, da Idade do Ferro, como hoje estamos dos enterramentos aqui discutidos. Ainda assim, elas continuavam a possuir significado e valor para as comunidades locais, haja visto o desejo de aproximação e as referências construídas ao longo dos anos, materializando tradições passadas de geração em geração pela oralidade. Nesse complexo, à altura de Bell Slack, trabalhos de terraplanagem foram realizados criando-se uma malha conectada entre estruturas mortuárias, assentamentos e monumentos milenares a qual

gerava sentido e uma noção de ordenamento da paisagem e dos cemitérios na Idade do Ferro. Vínculos milenares do tipo são também observáveis em relação às tumbas da Idade do Bronze. O cemitério de Wetwang Slack, por exemplo, cresce junto a um ancestral montículo circular da Idade do Bronze usado como referência funerária (DENT, 1982, 1984, 2010). Essa tumba passa a ser cuidadosamente assinalada na Idade do Ferro por uma via construída que a circunda e que ordena o crescimento do cemitério, criando um sentido de movimentação real e simbólica (no tempo e espaço), conectando o cemitério a outros locais e assentamentos próximos. Outros locais, como Garton Slack, desenvolveram-se em meio a estruturas tanto do Neolítico como do Bronze, revelando um forte senso de proximidade direta, reiterado ao longo de milênios por diferentes gerações (BREWSTER, 1976, 1980). Já certos cemitérios são projetados a partir de referenciais oferecidos por tumbas da própria Idade do Ferro. Em Kilham, por exemplo, 5 tumbas iniciais, relativamente dispersas na paisagem, passam a servir de foco para o crescimento de um cemitério de aproximadamente 50 enterramentos, que cresce novamente guiado por uma malha de terraplanagem (STOERTZ, 1997, fig. 17.2).

Essas proximidades milenares projetadas na paisagem são, hoje, extremamente relevantes para a historiografia da região. Isso porque a cultura material encontrada em Yorkshire, a partir de seus contextos funerários, foi tida desde o século XIX, por antiquários como John R. Mortimer (1898, p. 125-126, 1905, p. lxxv), como sinal de que a região havia sido invadida por populações continentais, uma hipótese que com o passar do tempo ganhou força (FOX, 1947, p. 19; HAWKES; HAWKES, 1948; STEAD, 1965) e continua sendo defendida (BRADLEY, 2007, p. 266; HARDING, 2004, p. 36), embora, hoje, admita-se que já não estejamos falando mais de invasões, mas tão somente de movimentações em pequena escala de alguns grupos ou indivíduos (CUNLIFFE, 2005, p. 316-319; STEAD, 1979, 1991). O debate, entretanto, está longe de ser uníssono e resolvido (cf. HALKON, 2013 vs GILES, 2012). De todo modo, aqui, é importante ressaltar que muitos dos vínculos construídos entre tumbas antigas revelam que uma tradição de inumação já estava sendo posta em prática na Idade do Ferro incorporando, sim,

elementos externos (o entrincheiramento quadrangular da região é também caracteristicamente encontrado em cemitérios na França, por exemplo), ao mesmo tempo em que demonstrava uma continuidade com tradições regionais, em especial no tocante ao tratamento, à orientação e à posição dos corpos nas covas. Podemos observar, portanto, como as tumbas da Idade do Ferro eram elas próprias a materialização de saberes combinados a partir de referências sociais com fenômenos diversos, internos e externos, do presente e do passado. Em alguns casos, essas referências eram expressas, inclusive, através dos artefatos depositados que podiam combinar, por exemplo, matérias-primas importadas, como âmbar báltico e coral mediterrânico, em casos especiais, junto a objetos e estéticas tipicamente característicos da arte insular e local, naquilo que alguns autores, como Raftery (1991, p. 568), chamam de uma “escola metalúrgica de Yorkshire”.

Essas referências, por vezes, podiam ser construídas também manipulando-se saberes a respeito de determinadas tumbas locais. Um caso, em Melton, atesta como vínculos ancestrais podiam ser construídos no pós-morte não apenas a partir de distantes ancestrais na paisagem, mas de modo direto entre indivíduos. Embora inumações sejam extremamente raras entre os séculos VIII-V a.C. nas Ilhas Britânicas, Melton abriga um plano multissequencial de atividades funerárias que se estende por 3 milênios e inclui (1) um montículo funerário de proporções monumentais erguido entre 2500-1800 a.C., (2) um conjunto de cremações depositadas na trincheira do montículo anterior, por volta de 1026-841 a.C., (3) um pequeno cemitério de 11 inumações, a maioria entre 800-500 a.C., orientados ao longo de uma estrutura de terraplanagem feita em adjacência ao monumental montículo funerário e, por fim, (4) entre os séc. III-I, uma tumba da Idade do Ferro tardia situada imediatamente a leste do cemitério construído na fase anterior (FENTON-THOMAS, 2011). Aqui, vemos novamente projeções temporais sendo construídas com base em antigos conhecimentos sobre locais que continuam a atrair atividade ritual.

Indo além, gostaria de discutir a relação criada, no terceiro estágio mencionado anteriormente, entre duas inumações encontradas

em Melton. Uma delas, provavelmente no começo do primeiro milênio a.C., e com dimensões maiores, é erguida servindo de foco para quatro enterramentos agrupados ao seu redor. A outra, entre VIII-VI a.C., foi propositalmente construída por sobre a tumba mencionada anteriormente, respeitosamente cortando uma parte de sua extremidade leste, sem causar distúrbio à inumação inicialmente ali depositada. Infelizmente, datações de radiocarbono foram realizadas apenas nos remanescentes da segunda tumba, revelando uma cronologia entre 780-530 a.C. (PETCHEY; FENTON-THOMAS, 2011). O primeiro sepultamento, apesar disso, produziu um conjunto de fragmentos de cerâmicas do tipo *beaker*, que poderia indicar uma cronologia significativamente anterior à esperada, datando do Bronze inicial. Como nenhum exame de C-14 foi realizado, é impossível precisar. Giles (2012, p. 63) fez a ressalva de que esses fragmentos poderiam ser apenas residuais e, de fato, essa é uma ocorrência comum em contextos funerários da região. Entretanto, como Fenton-Thomas (2011, p.47-48) observa, os fragmentos encontrados nesse caso correspondem a sete vasos distintos, um número particularmente alto para o padrão de achados residuais dessa natureza. Além disso, a morfologia da cova e a posição do indivíduo são semelhantes a exemplos da Idade do Bronze encontrados em Ferrybridge, Garton Slack e West Heslerton. Seja como for, separadas por um intervalo de um milênio, ou apenas alguns séculos, a distância cronológica entre esses dois sepultamentos era visível, particularmente em um mundo onde a expectativa de vida era consideravelmente reduzida, se comparada aos dias atuais. Esse distanciamento, no entanto, foi intencionalmente reduzido.

O segundo sepultamento revela certo caráter mimético, fazendo referência ao sepultamento prévio por conter, tal qual o anterior, uma inumação em posição fletida depositada dentro de um caixão de madeira. Tanto o primeiro indivíduo sepultado como o segundo eram do sexo masculino e morreram em idade adulta relativamente avançada para a época (35-45 e 25-35, respectivamente). É interessante observar que na Idade do Bronze bretã sepultamentos com tais caixões parecem estar exclusivamente reservados a indivíduos do sexo masculino (FENTON-THOMAS, 2011, p. 49; PARKER PEARSON, 2008). Embora a tradição

de tornar troncos de árvores em caixões seja identificada em Yorkshire durante o terceiro e segundo milênio a.C., a tumba do século VIII-VI a.C. em Melton é a única do período a conter uma inumação desse tipo, o que reforça ainda mais sua proximidade, não apenas física, como também simbólica, junto à tumba inicial por ela cortada, exigindo, como Fenton-Thomas (2011, p. 373) assinala, uma precisa memória social.³

Vínculos de afinidade construídos no pós-morte entre indivíduos podem ser observados também nos cemitérios dos séculos V-II a.C., como duas tumbas do cemitério de Kirkburn atestam (STEAD, 1991). Lá, uma mulher entre 17-25 anos foi enterrada em uma grande tumba (c. 68 m²), acompanhada por raros itens, como contas feitas de substâncias especiais (âmbar e azeviche), e um argola de liga de cobre importada do continente. Sua morte foi possivelmente motivada por complicações durante a gravidez, como a pré-eclâmpsia, ou durante o parto. A altura de sua pélvis, os remanescentes de uma bebê de 9-10 meses lunares, ainda visíveis durante a escavação, indicam que a criança estivesse ainda talvez presa à mãe pelo cordão umbilical (STEAD, 1991, p. 136). A perda de um membro da comunidade, e, junto a ela, de uma parte possível de seu futuro é, sem dúvidas, um evento traumático. O que faz a tumba em questão tão interessante para a discussão não diz respeito tanto a seu mobiliário funerário, nem ao fato de ela se localizar próxima a tumbas distintas, como um enterramento com carro, outros com armas, e tumbas espetadas por lanças. O que quero destacar é o que ocorre subsequentemente. Passado o intervalo de algumas gerações, um segundo enterramento é realizado na mesma tumba anteriormente descrita.

³ Giles (2012, p. 69) chegou a especular que a tumba antiga talvez tenha tido seu interior examinado visualmente por pessoas da Idade do Ferro, no momento de sua abertura. Isso implicaria que o saber oral já em circulação sobre esse monumento poderia ter sido complementado e (re)atualizado por práticas *in loco*. No entanto, além do corte e da proximidade criada entre os sepultamentos, Fenton-Thomas (2011) não observou nenhum sinal de distúrbio direto no corpo ou no caixão da sepultura antiga durante sua escavação, levando-o a crer que bastasse algum marco físico construído na paisagem assinalando a tumba, tal qual um poste ou um montículo, combinado a uma memória social passada entre gerações para que ela tenha se tornado o foco de tais rituais (FENTON-THOMAS, 2011, p. 373).

A segunda inumação foi depositada no preenchimento da estrutura original da primeira, com o corpo à altura da superfície do solo. Sua única provisão é assinalada pela base de um vaso de cerâmica. Novamente, a pessoa enterrada era do sexo feminino, porém em idade mais velha (25-35 anos). Essa mulher também morreu durante sua gravidez, como atesta um feto de 8 meses lunares junto a ela. Inserções posteriores como essas são extremamente raras na região. Elas ocorrem quase sempre nas trincheiras que circundam as tumbas, abrindo-se uma cova e sepultando aí os mortos, mas quase nunca são cavadas na estrutura central da tumba ou junto à cova inicial. Sem destruir ou afetar a inumação inicial, no entanto, o segundo enterramento foi de modo cuidadoso e intencionalmente elaborado, tendo perfeito conhecimento prévio do conteúdo do anterior, conectando, através do tempo, duas pessoas distintas com biografias ou mortes equiparáveis (GILES, 2015, p. 540–41; STEAD, 1991, p. 136). Se pensarmos a prática de enterramento em si, como um ato de se “plantarem” fisicamente os mortos na terra, tornando seus resquícios mortais uma parte inalienável e fixa do local onde são sepultados (PARKER PEARSON, 2002, p. 17), não é de se espantar que essas tumbas tenham se tornado um mecanismo tão importante de transmissão de histórias e saberes particulares pelos bretões antigos.

Vemos nos enterramentos das mulheres com bebês em Kirkburn uma forma única de circulação de saberes. Saberes coletivos, materializados e vivenciados na paisagem, através dela. Mais do que um mero auxílio à memória, essas tumbas, bem como toda a paisagem funerária que compõem, eram elas próprias a memória *de facto* materializada dessas comunidades e a matéria-prima para um conjunto de projeções sociais (KÜCHLER, 1993). Sua existência atesta que esses saberes continuavam a circular, a serem modificados e adaptados a novas experiências, novos eventos, novas tragédias, baseando-se em antigos referenciais. Esses são apenas alguns entre muitos exemplos possíveis. Importante observar ainda que algumas tumbas, como o enterramento com carro em Ferry Fryston, continuaram servindo como foco de atividade ritual durante muitos séculos após sua construção. Lá, mais de 12 mil remanescentes correspondentes a cerca de 2800 animais foram

depositados ao longo da tumba por pelo menos dois séculos subsequentes, como testemunhos de banquetes realizados no local (BATES; JONES; ORTON, 2007; ORTON, 2007).

Importante observar que, em Yorkshire, o momento em que boa parte das tumbas é erguida, ou seja, entre os séculos V-II a.C., é também um período marcado por uma intensificação do uso da terra, um possível aumento populacional e um processo de reconfiguração de noções de comunidade e pertencimento, acompanhado por uma cuidadosa delimitação de cemitérios e de alguns assentamentos (DENT, 1982, p. 453; GILES, 2007; STOERTZ, 1997, p. 39). Atha (2007, p. 351), no entanto, argumenta que essas transformações são observáveis desde a Idade do Bronze tardia, como parte de um processo maior de legitimação e territorialização da paisagem. De fato, a (re)utilização deliberada de cemitérios e tumbas milenares é uma prática observável também em outras regiões da Idade do Ferro insular, como atestam casos encontrados no sul bretão e, em especial, no oeste e norte, como nos sítios de High Knowes, Alnham (Nortúmbria); Dryburn Bridge, East Lothian (Escócia); Bromfield, (Shropshire); Plas Gogerddan, Aberystwyth (País de Gales), dentre outros (BARRETT, 1999; CUNLIFFE, 2005, p. 56-57; HARDING, 2016, p.45-47). Com características, motivações e configurações específicas em cada caso, vemos como diferentes comunidades operacionalizavam saberes sobre o passado para atender demandas variadas do presente.

No entanto, em Yorkshire, a grande maioria das tumbas bem como os cemitérios da região passa a se esvaziar de sentido e importância durante o século I a.C. em diante. Vimos, aqui, como saberes eram projetados na paisagem construída, através de alinhamentos, proximidades entre tumbas e a construção de estruturas de terraplanagem interligando monumentos milenares do Neolítico, da Idade do Bronze e do Ferro; como tumbas eram formas de criar e passar adiante histórias sobre ideais e valores, histórias a respeito da vida, da morte, do mundo e seus habitantes; como esses cemitérios revelam-nos relacionamentos crono-materiais construídos a partir de experiências heterocronológicas (GHEORGHIU e NASH, 2013, p. 6-7). Ora, o que ocorre, então, quando

esses saberes, intencionalmente ou não, deixam de ser transmitidos, ou se esvaziam e se perdem? O resultado também é sentido na própria paisagem. Em Bell Slack, por exemplo, no mesmo complexo onde vimos tumbas florescendo na Idade do Ferro junto a monumentos do Neolítico, durante o período romano, testemunhamos uma nítida ruptura nesse sentido. Local outrora sagrado, ele agora passa a ser ocupado por assentamentos e lotes agrícolas; monumentos milenares e tumbas ancestrais se tornam terreno para plantações e pasto para rebanhos. Essas transformações indicam uma modificação comportamental e social que acompanha profundas mudanças de ordem de natureza cultural, religiosa e ontológica. Passariam séculos até que alguns desses cemitérios se tornassem, uma vez mais, no período anglo-saxão, foco para novos rituais funerários. Vemos, pois, ao longo das épocas, outros projetos de mundo em ação. Um novo regime de saberes, para uma nova realidade, como demandam os tempos.

3. Considerações finais

Pensar a construção e transmissão de saberes para sociedades antigas que não produziram registros escritos é um desafio. Ele requer que levemos em consideração, através de seus vestígios materiais, esferas da vida social que eram caras a tais comunidades, mas que hoje, muitas vezes não parecem estar no senso-comum diretamente ligadas a um caráter educativo, ou formador de saberes. Nas últimas décadas, estudos vêm chamando a atenção para a relação simbiótica em determinados contextos arqueológicos entre tempo, memória e materialidade: isto é, a importância para certas sociedades de apreender o passado e transformá-lo em algo acessível, tátil e vivido – através de objetos e da paisagem –, tornando possível a manipulação do tempo e da memória (GHEORGHIU; NASH, 2013, p. 6-7; JOHNSON; SCHNEIDER, 2013; LILLIOS; TSAMIS, 2010; WILLIAMS, 2006).

Aqui explorei um conjunto de projeções e associações construídas em contextos mortuários, para mostrar como certos saberes, identidades e memórias eram materializadas e transmitidas ao longo de séculos, conectando diferentes gerações. Apesar de frequentemente, no

senso comum, a memória estar de modo equivocado associada a algo puramente passivo, etéreo e abstrato, suas manifestações podem se dar de modo bastante ativo, concreto e físico, já que não apenas memórias como também valores, ideias e saberes interagem e confundem-se com o mundo material (KOLEN; RENES, 2015, p. 40). Com base na discussão feita, não seria de todo descabido pensarmos a construção da paisagem funerária entre determinadas comunidades bretãs antigas como um sistema educativo. Ela possibilitava, afinal, que indivíduos se localizassem no tempo e espaço e conhecessem o mundo habitado e tantos outros mundos perdidos em passados próximos ou longínquos tempos míticos. Combinadas às ricas tradições orais, essas tumbas permitiam que as comunidades que as ergueram expressassem valores, ressaltassem feitos, celebrassem conquistas, lidassem com tragédias e criassem vínculos diversos, entre os vivos e deles para com os mortos. Não deixam, pois, de ser uma forma de se fazer história.

A paisagem funerária da Idade do Ferro bretã nos revela que noções de tempo, espaço, memória e importância estavam sendo operacionalizadas em diferentes níveis e instâncias, no que, partindo da expressão cunhada por Susanne Küchler (1993, p. 104), poderíamos chamar de uma economia política da memória. Nessa “economia”, história e memória se sobrepunham e transpassavam a mera função testemunhal, fornecendo uma matéria-prima para discursos sociais expressos visualmente a partir de mecanismos materiais e figurativos de representação. Esses discursos, por sua vez, possibilitavam reorganizar um sentido narrativo e identitário a partir de histórias factuais e míticas, combinando materialidade e oralidade, ainda que os significados e os formatos de tais manifestações tenham sofrido mudanças significativas com o passar dos séculos (cf. FENTON-THOMAS, 2011, p. 373; LELONG; MACGREGOR, 2007, p. 145).

É interessante observar que na medida em que os enterramentos serviam como um palco para agentes sociais construir saberes a respeito de um conjunto de experiências temporais e atemporais, em última instância, eles eram também o próprio produto de tais construções. Em meio a banquetes fúnebres, tumbas perfuradas por lanças, inumações

de pessoas com determinados atributos e objetos que serviam como epicentro para inumações subsequentes, deposições de ferramentas e utensílios associados a determinados ofícios, dentre tantos outros fatores, identificamos um conjunto de valores, expectativas e ideais sendo postos em cena e trabalhados por comunidades que enterravam seus mortos, nesse sentido. Essas projeções marcam não apenas o local de determinado morto naquela sociedade, mas, ao mesmo tempo, servem para legitimar ou contestar a ordem, criando naquele momento um saber a ser guardado na memória e ressignificado pelas gerações seguintes. A ação performática do ritual funerário, portanto, na medida em que cria, afeta o próprio conhecimento, concretizando-o. Ou ainda, como coloca Paul Zumthor (2007, p. 32), a ação performática não é apenas um simples meio de comunicação de saber, ao contrário, “comunicando, ela o marca”.

Referências

- ATHA, Michael. *Late Iron Age Regionality and Early Roman Trajectories (100BC-AD200): A Landscape Perspective from Eastern Yorkshire*. 2007. Tese (Doutorado em Arqueologia) – University of York, York, 2007. 2 v.
- BARRETT, John. The Mythical Landscapes of the British Iron Age. In: ASHMORE, Wendy; KNAPP, Arthur Bernard (org.). *Archaeologies of Landscape: Contemporary Perspectives*. Malden: Blackwell, 1999. p. 253-265.
- BARTRA, Roger. *Antropología del cerebro: conciencia, cultura y libre albedrío*. Ciudad del México: Fondo de Cultura Económica, 2014.
- BATES, Andrew; JONES, Gil; ORTON, David Clive. Animal Bone from the Ferry Fryston Chariot Burial. In: BROWN, Fraser; ALLEN, Carol (org.). *The Archaeology of the A1 (M): Darrington to Dishforth DBFO Road Scheme*. Lancaster: Oxford Archaeology North, 2007. p. 148-150.
- BRADLEY, Richard. *The Prehistory of Britain and Ireland*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511618574>.
- BREWSTER, T. C. M. Garton Slack. *Current Archaeology*, London, v. 51, p. 104-116, 1976.

BREWSTER, T. C. M. *The Excavation of Garton & Wetwang Slacks*. Malton: East Riding Archaeological Research Committee, 1980.

CAFFELL, Anwen; HOLST, Malin. Osteological Analysis. In: FENTON-THOMAS, Chris. *Where sky and Yorkshire and Water Meet: The Story of the Melton Landscape from Prehistory to the Present*. York: On-Site Archaeology, 2011. p. 498-562.

COLLIS, John. Across the Great Divide. In: CHAMPION, Timothy; COLLIS John (org.). *The Iron Age in Britain and Ireland: Recent Trends*. Sheffield: Collis Publications, 1996. p. 1-4.

CONNERTON, Paul. *How Societies Remember*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511628061>.

CUNLIFFE, Barry. *Iron Age Communities in Britain: An Account of England, Scotland and Wales from the Seventh Century BC until the Roman Conquest*. London: Routledge, 2005. DOI: <https://doi.org/10.4324/9780203326053>.

DENT, John Strickland. Cemeteries and Settlement Patterns of the Iron Age on the Yorkshire Wolds. *Proceedings of the Prehistoric Society*, Cambridge, v. 48, p. 437-457, 1982. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0079497X0000846X>.

DENT, John Strickland. *The Iron Age in East Yorkshire: An Analysis of the Later Prehistoric Monuments of the Yorkshire Wolds and the Culture which Marked Their Final Phase*. Oxford: John and Erica Hedges, 2010. DOI: <https://doi.org/10.30861/9781407304755>.

DENT, John Strickland. *Wetwang Slack: An Iron Age Cemetery on the Yorkshire Wolds*. 1984. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Sheffield: University of Sheffield, 1984.

DETIENNE, Marcel. *Les Grecs et Nous: Une Anthropologie Comparée de la Grèce Ancienne*. Paris: Perrin, 2005.

FENTON-THOMAS, Chris. *Where Sky and Yorkshire and Water Meet: The Story of the Melton Landscape from Prehistory to the Present*. York: On-Site Archaeology, 2011.

FÖGEN, Thorsten; WARREN, Richard (org.). *Graeco-Roman Antiquity and the Idea of Nationalism in the 19th Century: Case Studies*. Berlin: De Gruyter, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110473490>.

FOX, Cyril. *The Personality of Britain: Its Influence on Inhabitant and Invader in Prehistoric and Early Historic Times*. Cardiff: National Museum of Wales, 1947.

GARROW, D. *et al.* Dating Celtic Art: a Major Radiocarbon Dating Programme of Iron Age and Early Roman Metalwork in Britain. *Archaeological Journal*, Newcastle, v. 166, n. 1, p. 79-123, jan. 2009. DOI: <https://doi.org/10.1080/00665983.2009.11078221>

GHEORGHIU, Dragoş; NASH, George (org.). *Place as Material Culture: Objects, Geographies and the Construction of Time*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2013.

GILES, Melanie. Good Fences Make Good Neighbours? Exploring the Ladder Enclosures of Late Iron Age East Yorkshire. In: HASELGROVE, Colin; MOORE, Tom. *The Later Iron Age in Britain and Beyond*. Oxford: Oxbow Books, 2007. p. 235-249.

GILES, Melanie. *A Forged Glamour: Landscape, Identity and Material Culture in the Iron Age*. Bollington: Windgather, 2012.

GILES, Melanie. Performing Pain, Performing Beauty: Dealing With Difficult Death in the Iron Age. *Cambridge Archaeological Journal*, Cambridge, v. 25, n. 3, p. 539-550, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0959774314001036>.

GILES, Melanie; GREEN, Victoria; PEIXOTO, Pedro Vieira da Silva. Wide Connections: Women, Mobility and Power in Iron Age East Yorkshire. In: HALKON, Peter (org.). *The Arras Culture of Eastern Yorkshire: Celebrating the Iron Age*. Proceedings of “Arras 200 - Celebrating the Iron Age”. Oxford: Oxbow, 2020. p. 47-66.

HALKON, Peter (org.). *The Arras Culture of Eastern Yorkshire: Celebrating the Iron Age*. Pb ed. Oxford: Oxbow Books, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0959774314001036>

HALKON, Peter. *The Parisi: Britons and Romans in East Yorkshire*. Stroud: The History Press, 2013.

HARDING, Dennis William. *The Iron Age in Northern Britain: Celts and Romans, Natives and Invaders*. London: Routledge, 2004. DOI: <https://doi.org/10.4324/9780203326107>

HAWKES, Jacquetta; HAWKES, Christopher. *Prehistoric Britain*. London: Pelican Books, 1948.

HINGLEY, Richard (org.). *Images of Rome: Perceptions of Ancient Rome in Europe and the United States in the Modern Age*. Portsmouth: JRA, 2001.

JAMES, Simon. Arms, the Armed, and Armed Violence. In: HASELGROVE, Colin; WELLS, Peter S.; REBAY-SALISBURY, Katharina (org.). *Oxford Handbook of the European Iron Age*. Oxford: Oxford University Press, 2018. p. 1-21.

JAY, Mandy *et al.* British Iron Age Chariot Burials of the Arras Culture: A Multi-Isotope Approach to Investigating Mobility Levels and Subsistence Practices. *World Archaeology*, [S.l.], v. 45, n. 3, p. 473-491, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1080/00438243.2013.820647>

JAY, Mandy *et al.* Chariots and Context: New Radiocarbon Dates from Wetwang and the Chronology of Iron Age Burials and Brooches in East Yorkshire. *Oxford Journal of Archaeology*, Oxford, v. 31, n. 2, p. 161-189, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1468-0092.2012.00384.x>

JAY, Mandy; MONTGOMERY, Janet. Isotopes and Chariots: Diet, Subsistence and Origins of Iron Age People from Yorkshire. In: HALKON, Peter (ed.). *The Arras Culture of Eastern Yorkshire: Celebrating the Iron Age*. Oxford: Oxbow Books, 2020. p. 85-100.

JAY, Mandy; RICHARDS, Michael P. British Iron Age Diet: Stable Isotopes and Other Evidence. *Proceedings of the Prehistoric Society*, Cambridge, v. 73, p. 169-190, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1468-0092.2012.00384.x>

JAY, Mandy; RICHARDS, Michael P. Diet in the Iron Age Cemetery Population at Wetwang Slack, East Yorkshire, UK: Carbon and Nitrogen Stable Isotope Evidence. *Journal of Archaeological Science*, [S.l.], v. 33, n. 5, p. 653-662, maio 2006. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jas.2005.09.020>

JOHNSON, James; SCHNEIDER, Seth. Materiality of Place, Performative Time and Mortuary Space as Locality in the Early Iron Age of Southwest Germany. In: GHEORGHIU, Dragoş; NASH, George (org.). *Place as Material Culture: Objects, Geographies and the Construction of Time*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2013. p. 277-297.

KING, Sarah Suzanne. *What Makes War?: Assessing Iron Age Warfare Through Mortuary Behaviour and Osteological Patterns of Violence*. 2010. Tese (Doutorado em Arqueologia) – University of Bradford, Bradford, 2010.

KOLEN, J.; RENES, H. Landscape Biographies: Key Issues. In: KOLEN, J.; RENES, J.; HERMANS, R. (ed.). *Landscape Biographies: Geographical, Historical and Archaeological Perspectives on the Production and Transmission of Landscapes*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2015, p. 21-48. DOI: <https://doi.org/10.1515/9789048517800-003>

KRISTOFFERSEN, Siv; OESTIGAARD, Terje. “Death Myths”: Performing of Rituals and Variation in Corpse Treatment During the Migration Period in Norway. In: FAHLANDER, Frederik; OESTIGAARD, Terje (org.). *The Materiality of Death: Bodies, Burials, Beliefs*. Oxford: Archaeopress, 2008. p. 127-139.

KÜCHLER, Susanne. Landscape as Memory: The Mapping of Process and its Representation in a Melanesian Society. In: BENDER, Barbara (org.). *Landscape: Politics and Perspectives*. Providence: Berg, 1993. p. 85-106.

LEGGE, A. J. The Animal Bones. In: STEAD, Ian. *Iron Age Cemeteries in East Yorkshire: Excavations at Burton Fleming, Rudston, Garton-on-the-Wolds, and Kirkburn*. London: British Museum Press, 1991. p. 140-147.

LELONG, O.; MACGREGOR, G. *The Lands of Ancient Lothian: Interpreting the Archaeology of the A1*. Edinburgh: Society of Antiquaries of Scotland, 2007.

LILLIOS, Katina T.; TSAMIS, Vasileios (org.). *Material Mnemonics: Everyday Memory in Prehistoric Europe*. Oxford: Oxbow Books, 2010.

MORTIMER, J. R. *Forty Years' Researches in British and Saxon Burial Mounds of East Yorkshire, Including Romano-British Discoveries, and a Description of the Ancient Entrenchments of a Section of the Yorkshire Wolds*. London: A. Brown and Sons, 1905.

MORTIMER, J. R. Report on the Opening of a Number of the So-Called "Danes Graves," at Kilham, E. P. Yorks, and the Discovery of a Chariot-Burial of the Early Iron Age. *Proceedings of the Society of Antiquaries of London*, London, p. 119-128, 1898.

ORTON, David. A Local Barrow for Local People? The Ferry Fryston Cattle in Context. In: CROXFORD, B.; ROTH, R.; WHITE, N. (org.). *TRAC 2006: Proceedings of the Sixteenth Annual Theoretical Roman Archaeology Conference*. Oxford: Oxbow Books, 2007. p. 77-91. DOI: https://doi.org/10.16995/TRAC2006_77_91

PARKER PEARSON, Mike. *The Archaeology of Death and Burial*. College Station: Texas A & M Univ. Press, 2002.

PARKER PEARSON, Mike. Chieftains and Pastoralists in Neolithic and Bronze Age Wessex: A Review. In: RAINBIRD, P. (Org.). *Monuments in the Landscape*. Stroud: Tempus, 2008. p. 34-53.

PEIXOTO, Pedro Vieira da Silva. *As várias faces da morte: uma análise das diferenças sociais construídas em cemitérios do norte bretão (séc. V-I a.C.)*. 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

PEIXOTO, Pedro Vieira da Silva. Da arte de matar os mortos? Considerações sobre os enterramentos da Idade do Ferro bretã perfurados por lanças. *Phoînix*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 26-48, 2019. DOI: <https://doi.org/10.26770/phoenix.v25.2.n2>

PETCHEY, Fiona; FENTON-THOMAS, Chris. Radiocarbon dating. In: FENTON-THOMAS, Chris. *Where Sky and Yorkshire and Water Meet: The Story of the Melton Landscape from Prehistory to the Present*. York: On-Site Archaeology, 2011. p. 563-568.

RAFTERY, Barry. The Island Celts. In: MOSCATI, S. (org.). *The Celts*. New York: Rizzoli, 1991. p. 557-578.

RIGBY, Valery. The Pottery. In: STEAD, Ian Mathieson. *Iron Age Cemeteries in East Yorkshire: Excavations at Burton Fleming, Rudston, Garton-on-the-Wolds, and Kirkburn*. London: British Museum Press, 1991. p. 94-118.

ROGNON, Frédéric. *Os primitivos, nossos contemporâneos*. Campinas: Papirus, 1991.

SKOGSTRAND, Lisbeth. The Role of Violence in the Construction of Prehistoric Masculinities. In: MATIĆ, Uroš; JENSEN, Bo (org.). *Archaeologies of Gender and Violence*. Oxford: Oxbow Books, 2017. p. 77-102.

STEAD, Ian Mathieson. *Iron Age Cemeteries in East Yorkshire: Excavations at Burton Fleming, Rudston, Garton-on-the-Wolds, and Kirkburn*. London: British Museum Press, 1991.

STEAD, Ian Mathieson. *The Arras Culture*. York: Yorkshire Philosophical Society, 1979.

STEAD, Ian Mathieson. *The La Tène Cultures of Eastern Yorkshire*. York: Yorkshire Philosophical Society, 1965.

STEAD, Sheelagh. The Human Bones. In: STEAD, Ian Mathieson. *Iron Age cemeteries in East Yorkshire: Excavations at Burton Fleming, Rudston, Garton-on-the-Wolds, and Kirkburn*. London: British Museum Press, 1991. p. 126-139.

STOERTZ, Catherine. *Ancient Landscapes of the Yorkshire Worlds: Aerial Photographic Transcription and Analysis*. Swindon: RCHME, 1997.

TILLEY, Christopher Y. *A Phenomenology of Landscape: Places, Paths, and Monuments*. Oxford: Berg, 1994.

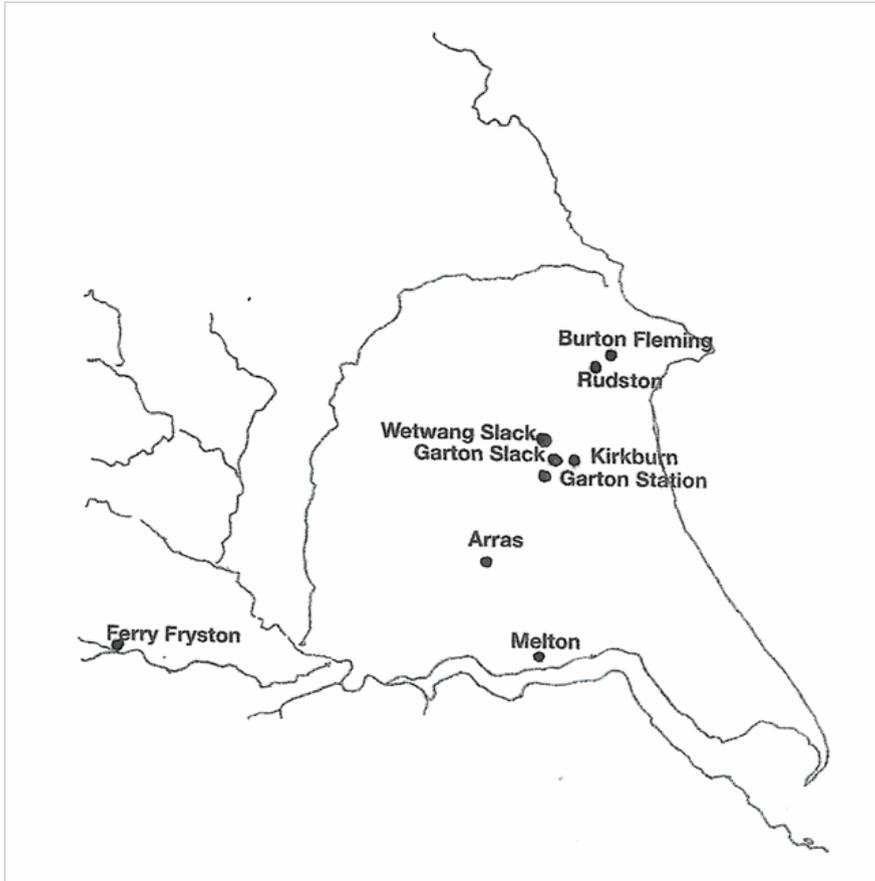
VLASSOPOULOS, Kostas. *Unthinking the Greek Polis: Ancient Greek History Beyond Eurocentrism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511482946>

WILLIAMS, Howard. *Death and Memory in Early Medieval Britain*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511489594>

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

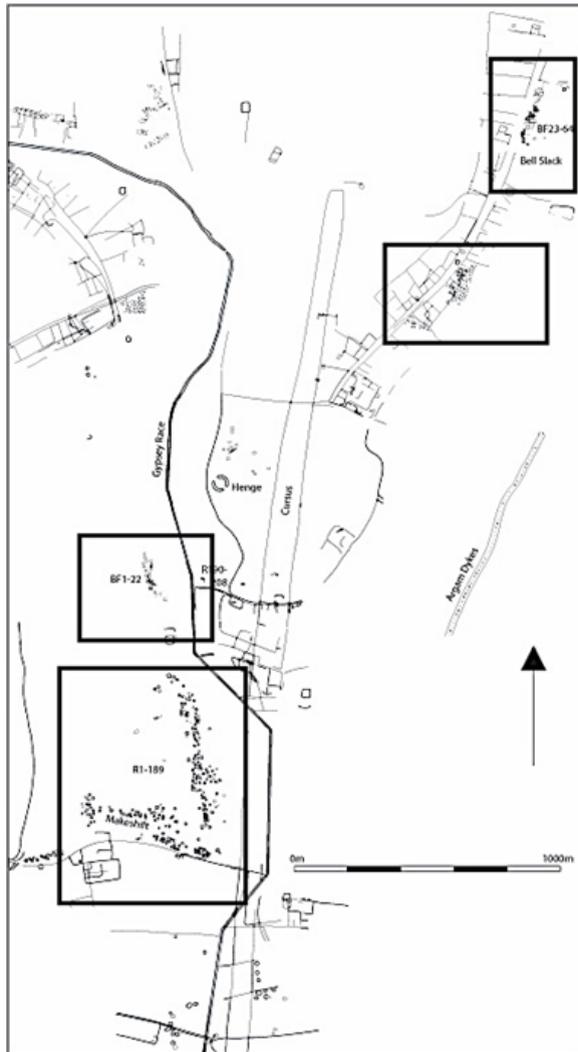
ANEXOS: Imagens

FIGURA 1 – Principais cemitérios e tumbas da Idade do Ferro em Yorkshire mencionados ao longo do texto.



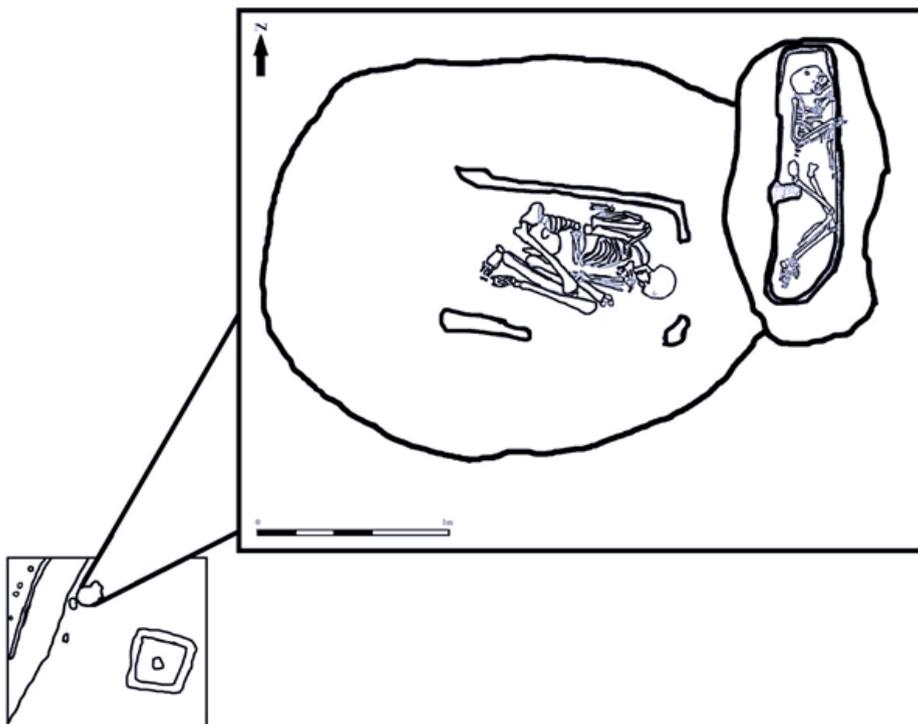
Fonte: Da pesquisa, 2020

FIGURA 2 – A paisagem ancestral construída no Great Wolds Valley, em East Yorkshire, incorporando elementos do Neolítico, da Idade do Bronze e do Ferro. Os quatro destaques feitos na imagem assinalam partes dos cemitérios de Rudston e Burton Fleming, situadas ao longo do Gypsy River, um rio de tipo intermitente que banha a região. Os cemitérios foram posicionados a poucos metros de distância de antigos monumentos milenares como um *curvus* e *henge*.



Fonte: GILES, 2012, fig. 7.2, gentilmente concedida pela autora e com destaques feitos pelo autor.

FIGURA 3 – Dois enterramentos da primeira metade do primeiro milênio a.C. encontrados em Melton. O primeiro continha uma inumação em posição fortemente fletida sobre o lado esquerdo do corpo, orientada em sentido leste-oeste, dentro de um caixão; fragmentos de sete cerâmicas de tipo *beaker* foram encontrados no preenchimento da sepultura. O segundo abrigava uma inumação novamente dentro de um caixão, em posição semi-fletida sobre o lado esquerdo do corpo e orientada em sentido norte-sul.



Fonte: Da pesquisa (2020), baseado nas figuras n. 28, 29 e 30 da monografia de sítio publicada por Fenton-Thomas (2011).

Recebido em: 31 de maio de 2020.

Aprovado em: 11 de agosto de 2020.